



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

RAFAELA MARINS BALDOW

**OLHARES CARTOGRÁFICOS PARA TECER UMA FORMAÇÃO
INVENTIVA COM AS EXPERIÊNCIAS DO PIBID/CAPES/UERJ**

São Gonçalo/RJ

2015

RAFAELA MARINS BALDOW

**OLHARES CARTOGRÁFICOS PARA TECER UMA FORMAÇÃO
INVENTIVA COM AS EXPERIÊNCIAS DO PIBID/CAPES/UERJ**

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia da Universidade do Estado do Rio
de Janeiro – Faculdade de Formação de
Professores como requisito parcial à
obtenção do grau de Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosimeri de Oliveira
Dias

São Gonçalo
2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

- B178 Baldow, Rafaela Marins.
Olhares cartográficos para tecer uma formação inventiva com as experiências do PIBID/CAPES/UERJ / Rafaela Marins Baldow. - 2015. 39f.
- Orientadora: Profª Rosimeri de Oliveira Dias.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.
1. Professores – Formação. 2. Cartografia. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. II. Dias, Rosimeri de Oliveira. III. Título.

CDU 371.13

RAFAELA MARINS BALDOW

**OLHARES CARTOGRÁFICOS PARA TECER UMA FORMAÇÃO
INVENTIVA COM AS EXPERIÊNCIAS DO PIBID/CAPES/UERJ**

Aprovada em : _____

Banca Examinadora:

Profª Drª Rosimeri de Oliveira Dias – orientadora

Profª Drª Anelice Ribetto - parecerista

DEDICATÓRIA

**Ao meu Deus que sempre se
mostrou fiel.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois é para ele e por ele que vivo. Sem a sua compaixão e fidelidade não teria conseguido, ele que me deu o sustento diário e forças na minha jornada acadêmica. Jornada essa que está apenas começando.

À Edvaldo Baldow, o melhor pai que alguém pode ter e desejar. Meu amigo, protetor, acolhedor. Inúmeras palavras nunca terão dimensão para descrevê-lo.

À Neide Jean Marins Neves Baldow, minha mãe ciumenta. O seu carinho na minha cabeça antes de dormir me acalmou diversas vezes antes de seminários, provas. Mãe, para você todo o meu amor.

Aos meus irmãos Izabela Marins Baldow e Igor Marins Baldow, que sempre me apoiaram.

À minha princesa Leticia Leal dos Santos Abreu, que sempre confiou em mim como educadora.

À Rosimeri de Oliveira Dias, que além de orientadora é um exemplo de pessoa. Dedicada ao seu trabalho, atenciosa com seus alunos e eficiente em tudo que faz.

À minha querida Igreja Evangélica Projeto Missão Vida, por acreditarem em mim.

À Sarah Marins Pessanha, pelas hospedagens em sua casa, pelos desesperos acadêmicos divididos.

Ao Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares, pelo acolhimento.

À minhas amigas Marina Tavares Braga, Isabela Barros, Sabrina Vale, Francieli Macedo, que tornaram os meus dias divertidos na universidade. Os cafés na cantina, a correria para pegarmos o ônibus, os trabalhos em grupo e outras vivências compartilhadas tornarão lindas lembranças.

Ao Subprojeto de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores do Saber escolar e formação docente na educação básica PIBID/CAPES/UERJ, pela oportunidade de vivenciar e praticar com a escola básica.

Habitar o território da formação e da escola não é apenas buscar soluções para problemas prévios, nem tampouco forjar novas tarefas para serem aplicadas na escola, mas envolve disponibilidade e abertura para o encontro com o inesperado, o que significa alterar prioridades e eventualmente redesenhar o próprio problema do aprender e do ensinar. (DIAS, 2011b, p.274)

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 – Cartografia, olhares e experiências no PIBID/CAPES/UERJ	14
1.1 - As micropolíticas da formação entre escola básica e universidade.....	18
1.2 - O Projeto dos Murais do Macedo na sua processualidade.....	22
Capítulo 2 – Diários de campo: refinando o olhar e a escrita.....	29
Conclusão.....	40
Bibliografia.....	41

RESUMO

BALDOW, Rafaela Marins. Olhares cartográficos para tecer uma formação inventiva com as experiências do PIBID/CAPES/UERJ. São Gonçalo, 2015. Monografia (graduação em Pedagogia). Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo. 2015.

Este trabalho é efeito das minhas experiências no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES, no âmbito do projeto Saber Escolar e Formação Docente na Educação Básica, no qual fui inserida no Subprojeto de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ. O Subprojeto é desenvolvido no território escolar e tem como finalidade forjar conversas e expressar dispositivos entre Universidade e Escola Básica, tomando como eixo de análise a noção inventiva de formação de professores como proposto por Rosimeri Dias. A ideia de uma formação inventiva é potencializar experiências entre formadores e formandos. Para tanto, Virgínia Kastrup, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, e outros comparecem na discussão. Ao potencializar uma formação docente, atenta às experiências entre formadores e formandos. Neste âmbito de análise e intervenção, é desenvolvido uma oficina inventiva, que funciona como um dispositivo que dá visibilidade as linhas de forças que estabelecem relações de poder e linhas de invenção intitulada Projeto dos Murais do Macedo. A produção do diário de pesquisa é a ferramenta adotada para dar a ver os eixos de análise e de intervenção do projeto. Contudo, o que há é a tessitura de uma rede, cujo intuito é o de expressar as movimentações produzidas na instituição e suas micropolíticas, entendendo-as como uma experimentação ativa, buscando constituir um território de pensamento que mantenha vivo o campo problemático.

Palavras-chave: CARTOGRAFIA, EXPERIÊNCIAS, FORMAÇÃO INVENTIVA DE PROFESSORES, ESCOLA BÁSICA, UNIVERSIDADE

INTRODUÇÃO

Formação, escola, universidade e mundo devem ser considerados como obras abertas, virtualidades em ressonâncias, constituidores de linguagem, de conhecimentos vivos, em devir tensionados entre formação e capacidade, entre passado e futuro, entre novidade e invenção. (DIAS,2012, p.16)

Este trabalho é efeito das experiências vividas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES¹, no âmbito do projeto Saber Escolar e Formação Docente na Educação Básica, no qual fui inserida no Subprojeto de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ. A finalidade segundo o Programa é:

Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. (<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>)

O Subprojeto de pedagogia tem como parceiro o Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares (CECMS) e funciona com a perspectiva da

¹ O Pibid é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

pesquisa intervenção e da cartografia (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009), para uma análise micropolítica das práticas, dos aprendizados, dos acontecimentos, das políticas de cognição, da formação inventiva de professores e das relações que constituem o cotidiano da Escola Básica e da Formação inicial e continuada de professores, por meio de projetos desenvolvidos pelas bolsistas de iniciação à docência desde 2011. A partir de 2014 é realizada a parceria também com o Ciep Municipalizado 411. Atualmente, o Subprojeto de Pedagogia da FFP possui duas escolas parceiras, dois coordenadores institucionais, seis supervisoras (professoras das escolas básicas) e trinta bolsistas de iniciação à docência. Nesse âmbito coletivo de feitura grupais do Subprojeto de Pedagogia da FFP é tomada a tarefa de afirmar uma pesquisa-intervenção (DIAS, 2011a) e de uma formação docente comprometida com a educação básica.



Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares - CECMS

Como acontecimento em comum de todo o grupo de bolsistas realizaram-se reuniões e grupos de estudos semanais entre coordenadoras, supervisoras e bolsistas, produção do diário de pesquisa, como dispositivo fundamental dos eixos de análise e de intervenção do trabalho do Subprojeto de Pedagogia. O diário de pesquisa é uma ferramenta que funciona como registro regular dos trabalhos, que se desdobra em produções acadêmicas dos trabalhos desenvolvidos com a escola básica (DIAS, 2014).

E, neste contexto, que articula escola básica e formação inicial e continuada de professores, faço parte do Projeto dos Murais do Macedo. A ideia do Projeto dos Murais do Macedo é mostrar alguns deslocamentos da cartografia que expressa as redes de comunicação dos territórios escolares e formativos.

Para expressar esta experiência formativa, o primeiro capítulo narra algumas experiências proporcionadas pelo PIBID no período entre 2011 e 2014. O intuito neste capítulo é dar a ver os movimentos e deslocamentos entre a universidade e o território escolar, por meio de conceitos e ferramentas de análise e de intervenção que dão atenção as micropolíticas (DELEUZE; PARNET, 2004), as políticas de cognição (KASTRUP, 2008) e a formação inventiva de professores (DIAS, 2012, 2014).

O segundo capítulo relata como foi a trajetória dos diários de pesquisa (LOURAU, 1993) durante esses três anos. A produção do diário de pesquisa foi um dispositivo fundamental dos eixos de análise e de intervenção do trabalho do Subprojeto de Pedagogia, destacando que o diário é uma ferramenta singular e instrumento de intervenção na própria formação.

Contudo, este trabalho objetiva mostrar uma formação feita entre escola e universidade, dando a ver outros modos de fazer e pensar.

CAPÍTULO 1

CARTOGRAFIA, OLHARES E EXPERIÊNCIAS NO PIBID/CAPES/UERJ

No início de 2011 encontrava-me indo para o terceiro período da faculdade e participei na FFP da seleção onde seriam escolhidas as primeiras bolsistas do PIBID, tendo como coordenadora Rosimeri de Oliveira Dias. Ao chegar no local da prova fui tomada por uma ansiedade, nervosismo e receio, pois tudo aquilo era novo, e o novo causa estranhamento. Depois de ter todos os textos em mãos que estavam na bibliografia para serem estudados, me dei conta que li e reli, mas não entendi. Aquelas referências teóricas (Dias, 2012; Kastrup, 2009; entre outras) eram complexas demais. Logo assim que peguei a prova, respirei fundo e aliviada, era para elaborar uma redação e a segunda etapa uma entrevista, mas para Rosimeri simplesmente uma roda de conversa.

Logo no início do projeto “Saber escolar e formação docente na educação básica/PIBID/CAPES/UERJ”, foi realizado um período de apresentação teórica. Apresentação, pois foi a primeira vez que o grupo leu, debateu e pensou sobre os autores Gilles Deleuze, Felix Guattari, Virgínia Kastrup, Marisa Rocha, Rosimeri Dias, Renè Lourau, entre outros – que norteavam os grupos de estudos. Foram por volta de três meses estudando, elaborando e escrevendo um projeto que viabilizasse estar com os alunos e assim ter uma Iniciação à Docência pautada em oficinas inventivas semanais. Ao mesmo tempo, a licenciatura de Pedagogia seguia seu curso com as diversas leituras e disciplinas.

O Subprojeto pensa na formação inicial e continuada de professores mergulhada na escola básica e articulada a conceitos e ferramentas de análise e de intervenção que dão atenção às micropolíticas. Para Dias (2011a) a micropolítica é uma experimentação ativa. Por isto, a atenção volta-se para as práticas, metodologias, vida escolar, as relações entre alunos e professores e para acontecimentos cotidianos que compõem estes ambientes diariamente,

colocando em análise os usos e constituições dos percursos que atravessam a formação entre universidade e escola básica. Conforme Destaca Dias:

E o que seria a micropolítica? A dimensão micropolítica fala do que já ganhou forma como leis, normas, tradições. Um nó de forças, algo que já tem representação, código, contornos. São referências que nem sempre temos claras, porém que têm um corpo e direção. O modo como esse plano macro atravessa a vida das coletividades, regulamentando-a, moralizando-a é o que nos interessa, isto porque há vida ali que resiste e se expressa nas demandas. A escola que temos pressupõe currículo, avaliação, séries, escores, padrões, leis pedagógicas do desenvolvimento e da aprendizagem, pressupondo o aluno, o adolescente, o programa... Tudo aquilo que já é antes do acontecer de um encontro entre educadores e educandos. Escola que busca aplacar movimentos e conflitos na perspectiva de manutenção de uma ordem também considerada como a ordem. O plano micropolítico é o plano das turbulências, encontros entre os valores e princípios preconizados nas tradições com as circunstâncias locais. É na arte dos encontros que podemos falar em produção do desejo, acontecimento, realidade – dimensão micropolítica – que não é chamada de micro por ser pequena, não se trata de tamanho, mas de ênfase, de colocação de lupa no processo, nas relações. (DIAS, 2012, p. 47)

E a autora complementa:

Na perspectiva micropolítica, a formação de professores deixa de ser um conjunto de métodos, de didáticas, para ser um campo de relações de forças, forjado coletivamente, que se manifesta de diversos modos e, ao mesmo tempo, pode ser abordada pelas análises dos gestos, das naturalizações de concepções do tipo (In) formação, da organização centralizada e vertical do sistema de ensino. (DIAS, 2011a, p.171)

Em um contexto micropolítico, acompanha-se a processualidade que se tece na escola e na formação, visto que a escola é um território em constante movimento. Como é possível mostrar por meio da ideia de Souza (2014) produzida nos contextos dos grupos de estudos do PIBID, em que a bolsista diz que a escola pulsa. Um dizer que ganha a forma de verbete e é publicado. Sousa utiliza Lourau (1993) para mostrar e olhar a instituição como um território movente, um devir (Deleuze; Parnet, 1998). Para Lourau (1993, p. 11),

instituição não é uma coisa observável, é como um dinamismo, movimento; jamais imobilidade. Com efeito, Souza (2014, p.81 - 82) acentua que:

A escola pulsa

A escola pulsa quando o aluno responde exatamente o que lhe

foi perguntado;

pulsa ainda mais quando o aluno diz “não sei”.

A escola pulsa quando o bom professor exerce o seu domínio

de turma;

pulsa ainda mais quando o educador quase enlouquece com

tanta agitação, conversa e falta de atenção a matéria, por parte

dos alunos.

A escola pulsa quando o aluno diz que adora educação física

ou artes;

pulsa ainda mais quando esse diz que odeia matemática e português.

escola pulsa quando é premiada por seu alto desempenho

nas avaliações instituídas;

pulsa ainda mais quando seu desempenho cai e, com ele, cai

também o investimento que recebe.

A escola pulsa quando há um alto grau de aprovação;

pulsa ainda mais quando possui um alto número de alunos

que “não conseguiram atingir os objetivos”.

A escola pulsa quando o professor atravessa o portão na saída

do dia letivo sentindo-se satisfeito, com a sensação de dever

cumprido;

pulsa ainda mais quando o professor chega com vontade de

assinar o ponto e ir embora, sem nem mesmo entrar em sala

de aula.

A escola pulsa quando recebo 20 alunos para participarem de

uma oficina, uma atividade voluntária;

pulsa ainda mais quando apenas três se fazem presentes neste

espaço.

A escola pulsa quando o professor está em sala ministrando a

sua aula para 20 alunos;
pula no instante em que outros 20 habitam o pátio,
“matando”
essa mesma aula.
A escola pula quando o aluno participa de uma atividade
de
intervenção e diz: “Nossa! Foi muito legal essa
brincadeira”;
pula ainda mais quando ele volta na semana seguinte
dizendo
que conversou sobre essa mesma atividade com os pais
e
irmãos. E diz mais: que viu e ouviu coisas durante a
semana
que o fizeram pensar no que foi discutido no encontro.
A escola pula enquanto tudo acontece, enquanto tudo se
movimenta;
a escola pula enquanto o “nada” acontece. (SOUSA,
2014, p.82- 83)

O que se experimenta com o grupo de estudos é um processo de problematização que mantém viva a questão: o que vem acontecendo de fato entre a universidade e a escola básica? Diariamente, encontra-se no campo educacional o discurso naturalizado dialético sobre competências intelectuais quanto ao processo de ensino aprendizagem, é debatido se o aluno aprende ou não aprende, se é competente ou se não é competente, se obteve ou não determinado conhecimento ou conteúdo. Ao resistir a este modo de fazer formação é que se pratica uma formação inventiva. Em tal perspectiva, professor e aluno pensam numa outra maneira de lidar com esses modos que estão presentes, de certa forma insistente, instituída no ambiente escolar.

É fundamental lembrar que o professor e aluno não estão juntos, mas entre. Porque funcionam nos agenciamentos de um ensino entre animado por um exercício de liberdade, traçando deslocamentos pelos quais as atitudes metodológico-teóricas não param de se modificar (DIAS, 2011a, p.198).

Nestes territórios aprende a manter vivo o campo problemático (DIAS, 2012), criando modos de fazer que objetivam pensar os movimentos de constituição da formação de si e do mundo. Para este trabalho, criou-se uma oficina feita entre universidade e escola básica: o Projeto dos Murais do Macedo. Neste, tendo os mesmos referenciais do Subprojeto – Gilles Deleuze,

Félix Guattari, Virgínia Kastrup, Rosimeri Dias, entre outros – para insistir na problemática de analisar a micropolítica que se constitui no colégio em questão.

1.1 As micropolíticas da formação entre escola básica e universidade

Como dito anteriormente, o primeiro semestre o trabalho foi realizado juntamente com as demais bolsistas, coordenadora e supervisoras no CECMS operando pelo eixo de análise e intervenção da pesquisa, trabalhando com o tensionamento das formas instituídas no campo. Para tanto, foi realizado periodicamente grupos de estudos, produção de diário de pesquisa (LOURAU,1993) que desencadeou as oficinas inventivas.



Grupo de supervisoras, coordenado e bolsistas

A formação inventiva de professores trabalha com a ideia do imprevisto e do novo. Sua estratégia é de desnaturalizar o que já existe e relacionar o imprevisto com a invenção, ou seja, descristalizar algumas perspectivas para abrir-se para outras experiências. Porém, não é constituído de regras para serem seguidas e nem receitas para serem ensinadas, pois compreendemos que o aprendizado jamais é concluído, ele é contínuo. Dias (2009; 2012)

Uma tessitura micropolítica está atenta aos pequenos gestos de formar que acontecem entre escola e universidade. Por isto, os inícios do projeto foram feitos com a devida atenção aos referenciais teóricos e metodológicos, como dito anteriormente. A aposta desses encontros e conversas é tensionar os apriorismos da noção de transmissão e de modelização que a formação carrega, para possibilitar a constituição de uma formação-experiência.

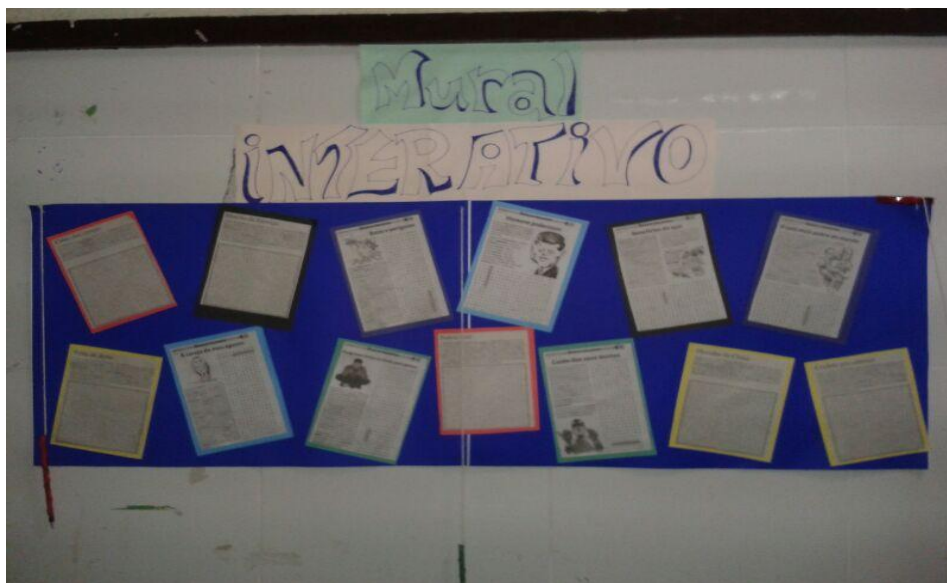
Formação esta composta por uma correlação de forças entre diferentes modos de conhecer, tipos de práticas estéticas, políticas e formas de subjetividade.

Os grupos de estudos auxiliam na construção de dispositivos para o desenvolvimento do trabalho cotidiano, com suas realizações regulantes, textos escolhidos com antecedência e um cronograma de trabalho por semestre a ser seguido, os encontros semanalmente permitem reflexões nos processos dos planejamentos das atividades abrangendo o território escolar.



Grupo de estudo

Com estes estudos iniciais e ideias, começa a realização da oficina inventiva intitulada Projeto dos Murais do Macedo, com o intuito de ampliar as articulações entre ensino no interior da escola básica e pesquisa. Com a feitura dos murais, torna-se perceptível um canal de comunicação, ao mesmo tempo, acontece uma intervenção que provoca encontros e conversas que colocam em análise os acontecimentos entre universidade e escola básica. Ao analisar esses usos e constituições dos murais, as forças e os deslocamentos das formas presentes no cotidiano da escola são acompanhadas.



Mural confeccionado pelos alunos do CECMS no Projeto dos Murais do Macedo

Neste contexto de análise e de intervenção, o Projeto dos Murais do Macedo atravessa a atividade de iniciação à docência e, ao mesmo tempo, visa estimular a participação dos alunos, professores e funcionários, promovendo a aproximação entre os mesmos, e abre-se como um espaço para a intensificação da rede de comunicação interna e externa da instituição.

Para Kastrup (2009):

Conhecer a realidade é acompanhar processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção. (KASTRUP, 2009, P.31)



Oficina sendo realizada

O desejo que descola é produzir experiências que produziram que não envelheçam, visto a frequente movimentação, que não sejam meros acúmulos de vivências, mas que se conservam marcantes, capazes de tocar, compartilhar e potencializar o trabalho de políticas e cognitivas da invenção.

As Políticas de cognição, do modo proposto por Virgínia Kastrup (2005), também se fazem uma importante ferramenta de análise presente permeando o pensamento do pesquisador, visto que se baseia em diferentes formas de lidar com o conhecer, pois envolve uma posição em relação ao mundo diferente da que estamos habituados. Dias (2011a, p. 152) desloca a noção de políticas de cognição para o campo da formação de professores e diz que:

É preciso deixar claro que existem políticas cognitivas no campo da formação. Uma se encontra no domínio da representação simbólica, operando num programa fechado, no interior de limites invariantes e intransponíveis, na dimensão da solução de problemas. Outras políticas cognitivas operam no domínio de uma abordagem concreta e experienciada da cognição e concebem o “conhecer=fazer=ser” (Varela, 1995) aberto às imprevisibilidades. Há a necessidade de polemizar constantemente os modos informacionais que capturam o conhecer e o controlam no âmbito de processamentos simbólicos, lineares ou em redes. Uma política cognitiva pautada no conhecer encarnado é avessa a estruturas e leis que tomam a aprendizagem como adaptação ou aquisição de habilidades capazes de serem previstas e controladas por leis e princípios invariantes. Assim, com diferentes políticas habitando o campo da formação de professores, insisto que há necessidade de uma tomada de decisão política, porque há, envolvida na posição inventiva, uma busca que problematiza o já feito, as formas prontas, o meramente técnico, uma moral conservadora, uma política de manutenção das formas existentes e estabelecidas de ensinar e aprender que desqualificam a diferença. Nessa política cognitiva, mais ampla e inventiva, as formas de ação abstratas e representacionais perdem seu estatuto de eternidade, de neutralidade, e se consubstanciam em dispositivos importantes para trans-formações no plano coletivo da formação de professores.

Parafraseando Kastrup (2009), chamamos de políticas cognitivas um tipo de atitude ou de relação encarnada, no sentido de que não é consciente, que se estabelece com o conhecimento, com o mundo e consigo mesmo.

Esta é uma noção chave para tecer tanto escola básica, como a formação em uma instituição movente. Pois, ao descrystalizar também

desnaturalizamos e abrimos espaço e tempo para práticas inventivas que buscam expandir territórios de pensamento e potencializar experiências.

[...] Para continuar deslocando, aposto na experiência, na descontinuidade do tempo, que me permite investir não na edificação permanente que se apreende por aquilo que é inteligível, mas na produção de deslocamentos realçados nas passagens que arriscam modificar os aspectos cristalizados na formação de professores. (DIAS, 2011a, p.254)

1.2 – O Projeto dos Murais do Macedo na sua processualidade

A coordenadora Rosimeri trouxe problemáticas que ressoavam na escola e que emergiram em uma pesquisa² anterior no próprio Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares. A questão era somente a falta, mas o ruído de redes de comunicação entre alunos, professores, gestores e demais funcionários. Potencializando tais problemáticas, objetivou-se um melhor uso dos murais. Na época, havia muitos murais, como ainda existem hoje, porém quase todos se encontravam abandonados e em péssimas condições de conservação.

Ainda em 2011, foi planejado um projeto dos murais que se realizaria com os alunos que tivessem interesse, em um horário extracurricular, todas as quartas-feiras. Os alunos foram chamados nas salas de aulas, no pátio, porém não houve presenças. Os alunos, ao serem convidados, diziam que não gostariam de ficar depois do horário para participarem do projeto. Neste momento houve muito desânimo e chateação pela frustração de não ter alunos interessados e de compor os murais somente com as bolsistas. Em uma reunião individual, Rosi disse algo que jamais será esquecido: “Mesmo quando parece que nada está acontecendo, o projeto está funcionando”.

Então, no primeiro semestre de 2012, outras propostas surgiram, à supervisora, Márcia, que também era diretora adjunta do turno da manhã, orientou a estar com uma turma. A oficina Projeto dos Murais do Macedo iniciou-se com a turma 901. Os encontros aconteciam à quartas-feiras pela

² “Formação inventiva de professores e políticas de cognição como dispositivos para a criação do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares/FAPERJ”

manhã no referido colégio (CSCMS), em horário que seria dividido com a aula de Artes. Com isso efetivou o projeto, entre alunos e formandos – futuros professores, por meio das diversas atividades coletivas, com a finalidade de formação e criação de murais que expressassem os acontecimentos e experiências do contexto da comunidade escolar e do Subprojeto de Pedagogia.

Os alunos da turma em que aconteciam as oficinas, mostravam-se interessados e animados com o projeto. Por lidar com uma turma de jovens e adolescentes, ocorreu com bastante constância, naturalizações e atos de tutela que estão enraizadamente impressos.



Alunos da 901 confeccionando o mural

Era considerável que a semana após semana os alunos de outras turmas que estavam presentes no pátio durante os intervalos começaram a observar a montagem dos murais feitos pelas bolsistas e pela turma 901 e notavam a diferença no território escolar.



Mural sendo exposto no pátio pelos alunos

Com o início de um novo semestre as oficinas foram iniciadas com uma outra turma, que por sinal era bem diferente da anterior. Enquanto a 901 participava das atividades, interagiam, traziam questões para serem discutidas a 601 chamou muita atenção e causou mobilização pelo fato do comportamento da turma em geral, eles gritavam, jogavam aviãozinho de papel.

O começo com está turma foi desafiador, pois pensar em atividades que não sejam cristalizadas e pré-moldadas desafia bastante. Enfrentamentos com as linhas duras que prendem ao dito tradicionalista, descristalizar os modelos que existem nas práticas adquiridas durante toda vida escolar, enquanto alunos e na graduação é árduo e potencializador de experiências caras ao processo formativo acadêmico.



Turma 601

A problemática causada pelo caos foi levada para as reuniões. De início ao elaborar os planejamentos semanais, modulações era seguidas, na qual as atividades já tinham os objetivos pré-estabelecidos. Para participar dessas oficinas, eram necessários que os alunos obedecessem às regras e contava-se com a participação de todos. A ordem era buscada para expressar diante deles, ao idealizar que o comportamento dos alunos era previsível e era esperado um dia sem qualquer situação de imprevisibilidade.

A solução imediata era conversar mais com os alunos, explicar mais a proposta, de onde surgiu e qual o objetivo do Projeto dos Murais do Macedo, enfrentando essa questão como um analisador, percebendo assim que não era possível prever tudo o que acontece. Foi necessário diante das condições apresentadas a cada dia constituir oficinas mais maleáveis.



Alunos da 601 realizando a oficina

São essas experiências que enriquecem a formação docente. Ao estar semanalmente no território escolar o nosso olhar muda e abre para uma formação que não se limita à teoria x prática, e sim práticas sensíveis a invenção de si e do mundo.

Em 2014, o Subprojeto recebeu uma nova roupagem, além do CECMS o CIEP 411 Municipalizado Dr.º Armando Leão Ferreira, situado no Engenho Pequeno em São Gonçalo, tornou-se também uma escola parceira, com isso o número de bolsistas e supervisoras dobraram.



Coordenadoras, supervisoras e bolsistas

Apesar das mudanças, o Projeto dos Murais do Macedo segue com a sua processualidade no CECMS. As oficinas que antes eram realizadas com uma turma específica, passou a ser realizada com todos os alunos que mostravam interesse. O convite passou a circular no pátio e as oficinas passaram a ser feitas na sala da pesquisa ou em uma sala que a escola disponibiliza-se.

Assumir uma turma era um desafio, mas a certeza que teria sempre aluno esperando era uma preocupação a menos. Passar a convidar era diferente, pois eles tinham a escolha de querer ir ou não.



Preparando os convites para espalharmos pelo pátio com o dia, horário e local da oficina

Os convites surtiram efeitos e os alunos estavam esperando no dia, horário e local marcado. Durante as oficinas os alunos tiveram dificuldades em fazer atividades livres, nas quais eles podiam pensar por si mesmo, sem o

intuito de se adaptar a um modelo imposto por um professor. Trabalhar com alunos diversificados possibilita experienciar as diferenciações entre sujeitos e coletivos.



Alunos confeccionando o mural

Os alunos sentiram desejo de estar no projeto, tanto nas atividades que produziam com cortes, colagens, textos para serem expostos quanto na constituição do mural no pátio.

Quando o tempo acabava e os murais não eram finalizados juntos, eles ficam ansiosos à espera dos seus desenhos e textos serem expostos no local mais habitado da instituição, o pátio, para que possam mostrar aos seus colegas.



Mural exposto no pátio

O mural escolar é um dos dispositivos analisadores que desempenham funções para o andamento do subprojeto de pesquisa, através da realização dessas atividades procura-se brechas para a discussão de fatos e temas que emergem do presente da escola. É um recurso didático, isto é, um trabalho pedagógico coletivo de construção de conhecimento e expressão que busca o grau de aumento de trocas de diferentes saberes. Deleuze (1996, p.3) esclarece a ideia de dispositivo quando diz que:

Os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjectivação, linhas de brecha, de fissura, de fractura, que se entrecruzam e se misturam, acabando por dar umas nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento.

Entre conceitos e experiências é possível dizer que a escola é uma instituição que não está fechada, é um ambiente em transformação, assim como diz Lourau (1993) é uma instituição em constante movimento na qual se “anseia” pelo interesse e pela ativa participação. Com este repertório conceitual, as oficinas têm a pretensão de continuar a integrar professores e alunos potencializando suas relações.

CAPÍTULO 2

DIÁRIOS DE CAMPO: REFINANDO O OLHAR E A ESCRITA

Como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos. (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 61)

A produção do diário de pesquisa, foi a ferramenta adotada como dispositivo fundamental dos eixos de análise e de intervenção do trabalho do Subprojeto de Pedagogia, buscando referências no conceito de cartografia que é proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari na Introdução de *Mil Platôs*(1995).

A cartografia é método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca um caminho linear para estabelecer um fim. A cartografia é sempre um método *ad hoc*. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo. (Kastrup, 2009, p. 32)

Na cartografia, o diário de campo funciona como registro regular dos trabalhos, que se desdobra em produções acadêmicas dos trabalhos desenvolvidos com a escola básica. Conforme diz Vilhena (p.9):

Uma das práticas que aprendi no decorrer de minha participação das pesquisas sobre formação inventiva foi o uso do diário de campo. Com este dispositivo produzi registros e escritas que atravessam a escrita monográfica. Tais registros, junto com os autores e suas análises, expressam uma proposta explícita de análise e de intervenção na produção de subjetividade, na constituição da existência. As escritas em diários são linhas soltas que me forçam a acompanhar os processos em curso (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009), compondo

narrativas daquilo que me afetou e estão presentes nesta experiência de restituição. Assumo afirmar o método da cartografia para uma escritura de narrativas, com o auxílio da ferramenta do diário de campo (LOURAU, 1993), sobre o que nos passa na instituição. (VILHENA, 2014, p.9)

O exercício do diário de pesquisa oferece a criação de uma formação acadêmica atenta àquilo que se passa no contexto da escola e da formação. Questão chave para a iniciação à docência e para a formação continuada de professores.

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão de orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método- não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. (PASSOS; BARROS, 2009, p.17)

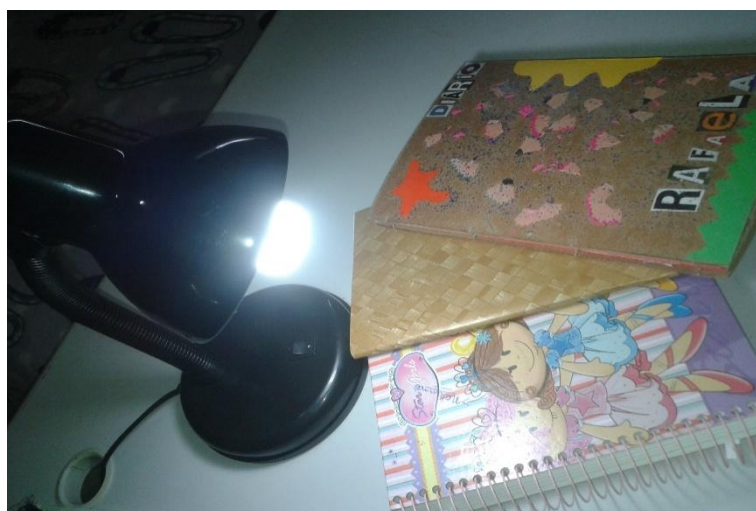
Passos e Barros (p. 17-18) continuam:

“[...] A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação”. A expressão através dos registros dá corpo a uma política de trabalho.

O desafio da cartografia é justamente a investigação de formas, porém, indissociadas de sua dimensão processual, ou seja, do plano coletivo das forças moventes. Se o plano pré-individual das forças está sempre presente, ao lado do plano das formas, como potência para novas individuações, acessar o plano coletivo de forças é essencial à pesquisa cartográfica. Em primeiro lugar para provocar a ampliação do olhar e assim ser capaz de atingir outras dimensões dos objetos do conhecimento, ou seja, a processualidade que marca os acontecimentos do mundo. E, em segundo lugar, para realizar-se como pesquisa intervenção. Pois aceder a dimensão movente da realidade significa afetar condições de gênese dos objetos, e assim pode intervir e fazer derivar, num processo de diferenciação, novas formas

ainda não atualizadas. (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2009 p.99)

O diário é singular e instrumento de intervenção na própria formação, servindo como possibilidade de deslocamento e de produção de subjetividade. Durante o PIBID tive três diários de campo como ferramentas, sendo notória a mudança presente neles.



Meus diários de campo

No primeiro diário a escrita encontra-se simplificada, as observações eram superficiais, os meus olhos viam e me transmitiam aquilo que estava acostumado, a escrita necessitava de um refinamento.



Primeiro diário de campo

Trecho do diário:

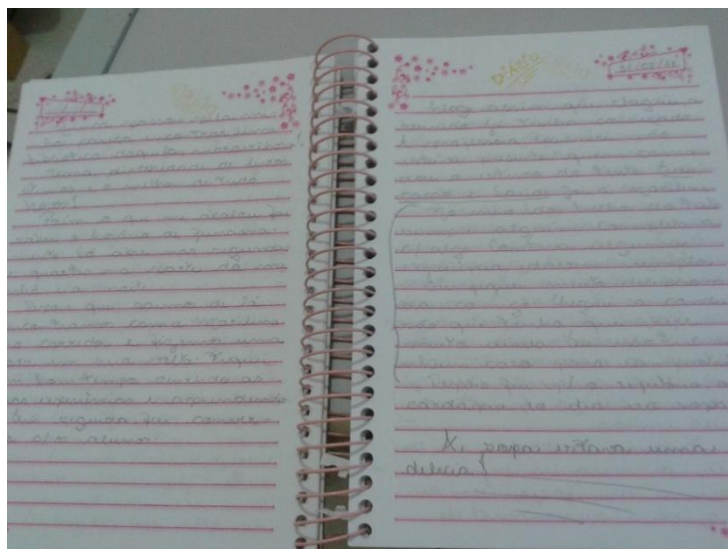
Cheguei ao colégio um pouco antes do combinado, logo no portão encontrei Natanna e fomos direto para a sala que é reservada para o nosso grupo. A entramos já tinha um grupo de meninas presente. Começamos a conversar a respeito do que temos que desenvolver na escola. Confesso que estou muito nervosa. Em meio aos diversos assuntos na sala (tentando desenvolver alguma ideia concreto para o projeto), tivemos ideia de visitar a biblioteca. Fiquei encantada e pude ver isso também nos olhos das colegas. Nunca passou pela minha cabeça encontrar uma biblioteca daquela, maravilhosa! Uma diversidade de livros e o melhor de tudo, novos. Porém, o que me abalou foi saber o horário de funcionamento. So abre nas segundas e quartas na parte da manhã e a noite. Depois que saímos de lá encontramos a supervisora Marilena no corredor e fizemos uma roda em volta dela. Ficamos um bom tempo ouvindo suas experiências e aprendendo. Em seguida, fui conversar com os alunos. (Diário de campo 24/08/2011)

Mais um trecho do diário:

Logo assim que cheguei no Macedo a reunião já tinha começado. A professora Rosimeri não estava presente, quem comandou o grupo de estudo sobre o texto Educação e Saúde foi a supervisora Marilena. No meio dos trechos do texto sempre alguma bolsista completava com alguma fala. Davam exemplos, contavam experiências. E eu fui ficando um pouco decepcionada comigo, pois cheguei a conclusão que tenho muito para viver ainda. (Diário de campo, 31/08/2011)

Outro trecho do diário:

Hoje cheguei sete horas da manhã na escola, quis chegar cedo pois estava muito animada para desenvolver a oficina com os alunos. Só que ocorreu um probleminha no caminho, o projeto ainda não tem uma turma definida. A supervisora Marilena apresentou uma turma do ensino médio, mas confesso que fiquei assustada. Estava esperando alunos mais novos e não com o dobro do meu tamanho.



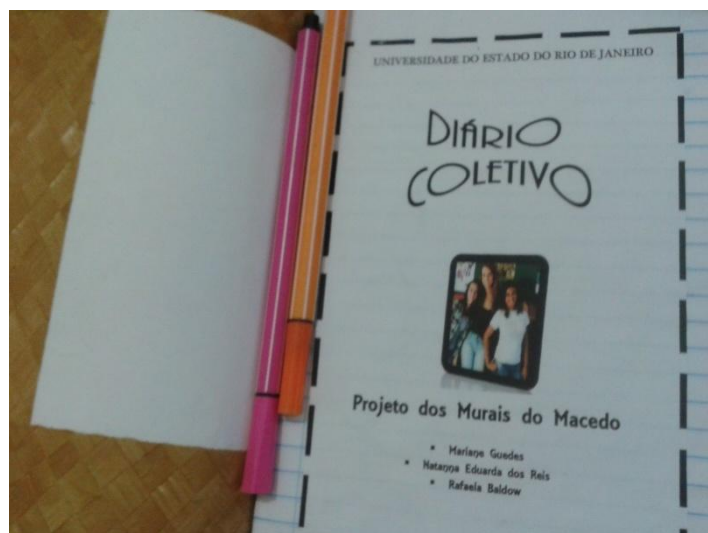
Primeiro diário de campo

Com estes relatos no diário, as afirmações que minhas escritas precisavam de um refinamento tornam-se concretas. No começo encontrava-me perdida, não sabia ao certo onde concentrar a atenção, não entendia que tinha que me deixar ser afetada para transmitir de fato em palavras o que estava acontecendo no presente momento.

Nas palavras da Kastrup:

A entrada do aprendiz de cartógrafo no campo da pesquisa coloca imediatamente a questão de onde pousar sua atenção. Em geral ele se pergunta como selecionar o elemento ao qual prestar atenção, dentre aqueles múltiplos e variados que lhe atingem os sentidos e o pensamento. (Kastrup, 2009, p.35)

O segundo diário foi feito com mais duas bolsistas (Mariane Guedes e Natanna Eduarda dos Reis) que iniciaram o Projeto dos Murais juntamente comigo no Subprojeto de Pedagogia. Ao produzi-lo grupalmente pensávamos em uma escrita coletiva onde colocaríamos em análise o que se passava nas oficinas.



Diário coletivo

No dia 29/08/2012 escrevemos as seguintes palavras:

Este diário surge da ideia de uma escrita coletiva onde a tessitura textual se dará por seis mãos. Buscamos cartografar juntas o Projeto dos Murais do Macedo e todo o processo da pesquisa-intervenção na qual estamos inseridas. Este diário coletivo se dá concomitantemente aos diários individuais. Idealizamos registrar as imprevisibilidades que atravessam nossas atividades do projeto, a análise institucional e os movimentos da instituição e da pesquisa. Nesse respectivo projeto, elaboramos murais que são ferramentas analisadoras, lugar de expressão e comunicação. Realizamos encontros semanais, aonde acontecem grupos de estudos, planejamentos, desenvolvimento das atividades com os alunos, atualização dos murais. Damos abertura a um campo problemático do pensamento, sensibilizam-nos as experiências, entre outros.

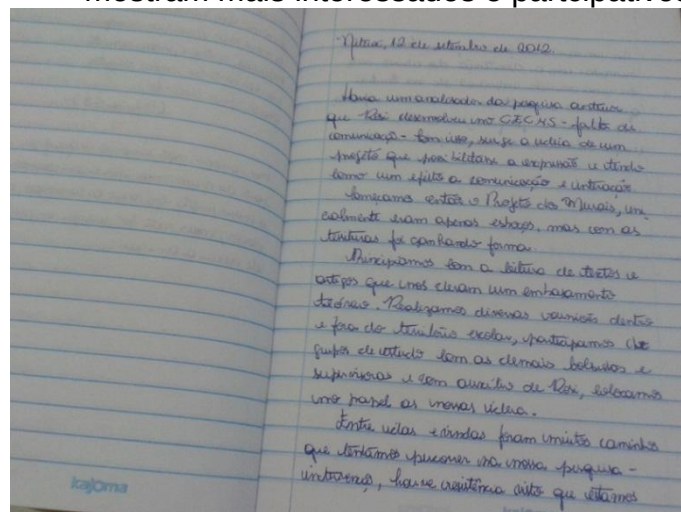
Em seguida nos reunimos no dia 12/09/2012 para mais uma escrita coletiva:

Havia um analisador da pesquisa anterior que Rosi desenvolveu no CESC- falta de comunicação- com isso, surge a ideia de um projeto que possibilitasse a expressão e tendo como um efeito a comunicação e interação. Começamos então o Projeto dos Murais do Macedo, inicialmente eram apenas esboços, mas com as tessituras foi ganhando forma. Princípios com a leitura de textos e artigos que nos deram um embasamento teórico. Realizamos diversas reuniões dentro e fora do território escolar, participamos de grupos de estudos com as demais bolsistas e supervisoras com o auxílio da Rosi, colocamos no papel as nossas ideias. Entre idas e vindas

foram muitos caminhos que tentamos percorrer na nossa pesquisa-intervenção. Houve resistências, visto que estamos em um campo de forças e formas.

Continuando com passagens do diário coletivo, 24/10/2012:

O dia de hoje foi bem proveitoso, pois já estamos sentindo os efeitos de uma oficina que acontece entre os sujeitos. O desencadear do projeto com a turma 601 nos permite olhar que o caos inicial aos poucos foram se modificando. No começo deste semestre, ao iniciarmos as oficinas, os alunos gritavam muito, não permaneciam em seus lugares, havia desatenção e agressividade. Hoje eles se mostram mais interessados e participativos.

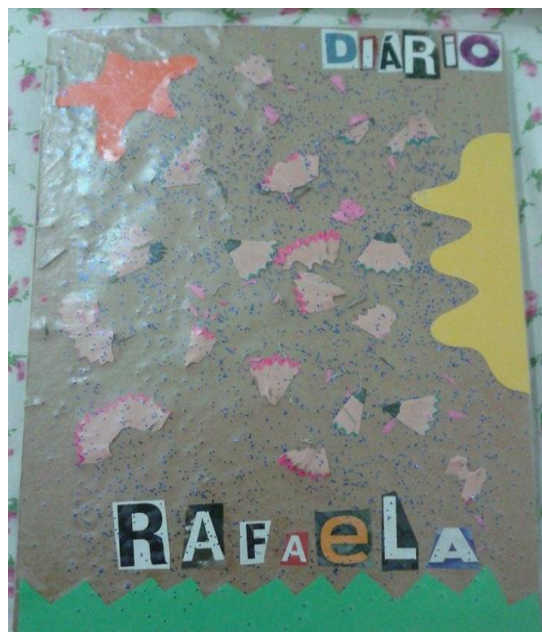


Diário Coletivo

Coletivo é condição de trabalho. Coletivo não é equivalente a um conjunto de várias pessoas, mas sim como processo que cria um campo de multiplicidades, de possibilidades. Portanto, essa ousadia só se sustenta em um processo de criação de multiplicidades. (MACHADO, 2012 p.8)

O terceiro diário tem algo especial, ele é delicado, mistura sensações com as suas folhas diferenciadas. Foi criado pelas mãos da Diana, filha da coordenadora Rosimeri, detalhe por detalhe. É de total delicadeza, cada bolsista, coordenadora e supervisora do PIBID no início de 2014 recebeu um.

Ao receber-lo percebemos que ele veio sem nenhum preparo de fábrica, tivemos que pensar e elaborar uma capa, as linhas invisíveis tivemos que torná-las reais na nossa imaginação para cartografar. O lado poético, desenhista entre outros ganhou espaço neste belo diário, mostrando que é possível tornar a vida uma obra de arte.



Diário de campo

De início nesse mais novo diário coloco uma apresentação, para que qualquer pessoa que possa pega-lo e lê-lo entenda quem eu sou e como o Projeto dos Murais do Macedo funciona no Subprojeto de Pedagogia. Está escrito assim:

Olá! Bom dia, boa tarde e boa noite! Chamo-me Rafaela Marins Baldow, nasci no dia 17 de outubro de 1991, estudo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores no município de São Gonçalo e resido em Maricá. A partir de agora o meu diário estará em suas mãos. Nele consta o meu registro mais superficial, e às vezes mais íntimo, que vivi e vivo ao longo dessa experiência que se chama PIBID. Faço parte da primeira formação do grupo. Lembro-me claramente da primeira entrevista, das primeiras reuniões, das fisionomias das pessoas cheias de pontos de interrogações. Não sabíamos o que fazer, não conhecíamos os conceitos. Cartografia? Formação inventiva? Hãhã? O que é isso? E hoje sem perceber esses conceitos estão enraizados em mim. Com isso vejo como Rosimeri de Oliveira Dias me deu a oportunidade de crescer em conhecimento e me afetou com sua tamanha sabedoria. Ao longo desses anos já vi companheiros desistindo pelo caminho, outros se formando. Como diz a minha querida Rosi: "A vida é feita de escolhas!" Realizo junto com outras bolsistas, supervisoras e coordenadoras um projeto de pesquisa desenvolvido no território escolar que tem como finalidade forjar conversas e expressar dispositivos entre Universidade e Escola Básica, tomando

como eixo de análise a noção inventiva de formação de professores como proposto por Rosimeri Dias, Virgínia Kastrup, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Anelice Ribetto, entre outros. Potencializamos uma formação docente, atenta às experiências entre formadores e formandos e aos movimentos que acontecem no Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares. Neste contexto, desenvolve-se uma oficina inventiva, que funciona como um dispositivo que dá visibilidade as linhas de forças que estabelecem relações de poder e linhas de invenção intitulada Projeto dos Murais do Macedo. Com tal dispositivo concreto, é possível mostrar alguns deslocamentos com a escrita de narrativas cartográficas que expressam a rede de comunicação dos territórios de formação, por meio de murais. Os murais atravessam a escola esteticamente e politicamente através das atualizações. Com a tessitura de tal rede, tem-se o intuito de expressar as movimentações produzidas na instituição e suas micropolíticas, entendendo-as como uma experimentação ativa, buscando constituir um território de pensamento que mantenha vivo o campo problemático, atravessado essencialmente pela intensificação do grau de abertura para experiências.

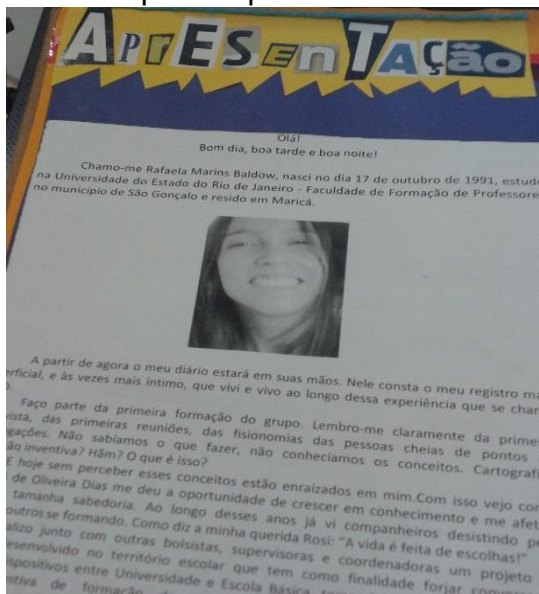


Foto da apresentação

Em outro momento crio uma poesia:

Minha transformação
 Olhar o Projeto tomando forma
 Me renova
 Me transforma
 E me torna uma Rafaela diferente
 Em mim agora aflora as inquietações e marcas das
 experiências e vivências.

Abro brechas e permito-me ser afetada.
O agora tornou-se visível, antes passava despercebido.

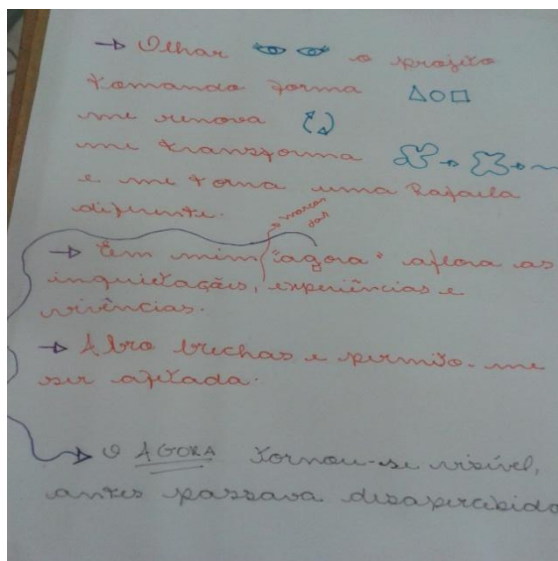
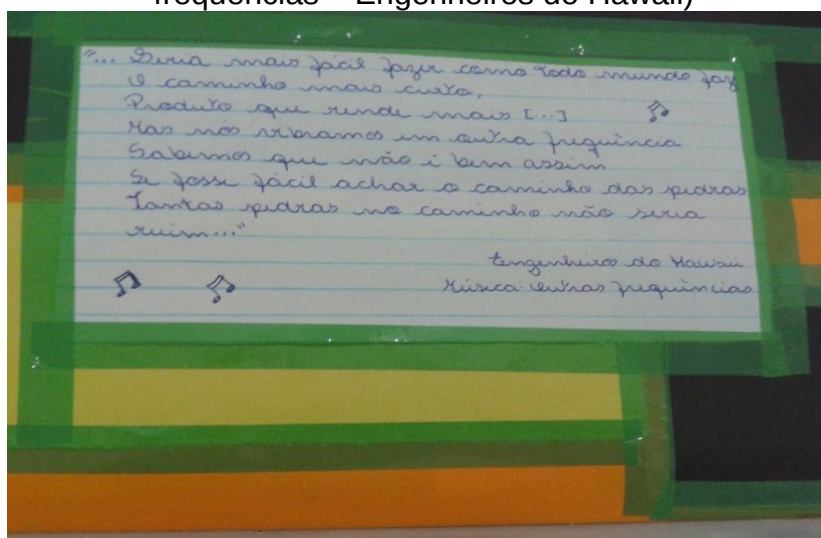


Foto da poesia

Aproveito também para citar a música: Outras frequências - Engenheiros do Hawaii. Toda vez que a escuto lembro do grupo de pesquisa, a mensagem que a letra transmite tem tudo a ver com aquilo que vivemos no nosso dia-a-dia.

“...Seria mais fácil fazer como todo mundo faz/O caminho mais curto/Produto que vende mais [...] Mas nós vibramos em outra frequência/Sabemos que não é bem assim/Se fosse fácil achar o caminho das pedras/ Tantas pedras no caminho não seriam ruim...” (Música: Outras frequências – Engenheiros do Hawaii)



Diário de campo

O Subprojeto de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores Saber escola e formação docente na educação básica PIBID/CAPES/UERJ não faz como a maioria. O caminho que se percorre é mais difícil e muitos não querem fazer, pois dá trabalho. As pedras pela estrada produzem incômodo para se pensar em outras maneiras de fazer. As pessoas desejam o prático, o rápido o instantâneo, mas nós sabemos que não é bem assim, vibramos em outras frequências.

Relatos do diário de campo do dia 16/07/2014:

O Projeto nos produz incômodo para pensarmos outras maneiras de fazer, somos pessoas diferentes e estamos na pesquisa procurando encontros. Para tocar um coletivo é preciso que haja gente, alma, corpo. No mundo contemporâneo as pessoas querem resultados, o problema dos resultados é que eles são todos iguais. Não temos que pensar em resultados, temos que pensar em outras maneiras. Com as imprevisibilidades da escola e da vida sempre há novas possibilidades.

Para Barros e Kastrup (2009), a cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra. A processualidade está presente em cada pesquisa.

Sendo assim, o uso do diário de campo é usado atentamente na constituição coletiva e na afirmação de que a formação, escola e universidade possuem uma dimensão de processualidade. E sem o registro o trabalho se perde, não ganhando contornos possíveis.

CONCLUSÃO

As experiências presenciadas estando em um lugar entre a Universidade e a Escola básica as experiências enriquecem a formação docente. Ao estar frequentemente no território escolar o olhar toma um novo direcionamento e abre-se para uma formação que não se limita à teoria x prática, e sim práticas afetadas a invenção de si e do mundo.

Tendo em vista os aspectos observados, as questões apresentadas e as análises problematizadas, acentuo que ao iniciar na docência por meio do Subprojeto de Pedagogia PIBID/CAPES/UERJ, permito uma abertura à formação inventiva. Com isso, e junto com os traçados cartográficos, acompanhei processos micropolíticos, que a todo instante encontram-se em constante movimento, assim como a instituição. Por isto, é necessário estar atento à como expressar os movimentos entre formação e escola básica.

Junto e entre formação e escola básica, políticas de cognição e formação inventiva de professores, pesquisa intervenção e cartografia identifico que o espaço tempo da formação é uma necessidade de se fazer ver e falar os pequenos gestos e os acontecimentos nestes territórios formativos. Algo que expande a dimensão da sala de aula e cria possibilidades de tecer outras redes e dispositivos, que facultam a constituição de olhares e fazeres escolares. Isso foi realizado através dos murais como dispositivos potencializadores de análises, que provocam linhas de questionamentos de fuga para questionamentos do que acontece na escola e através dos diários de campo.

Deste modo, com estes olhares cartográficos, foi possível dar a ver alguns sentidos produzidos com a experiência formativa junto ao PIBID/CAPES/UERJ, fazendo-me reverberar a ideia de produção de diferenças que a noção inventiva propõe.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, L. P.; Kastrup, V. *Cartografar é acompanhar processos*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 52-75. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DELEUZE, G. e PARNET, C. *Diálogos*. Editora Escuta, São Paulo, 1998.

DIAS, R. O. (org.). *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

_____. *Deslocamentos na formação de professores: aprendizagem de adultos, experiência e políticas de cognição*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011a.

_____. *Pesquisa-intervenção, cartografia e estágio supervisionado na formação de professores*. Rio de Janeiro: Fractal: Revista de Psicologia, v.23 – n.2; 2011b. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000200004&lng=en&nrm=iso.

_____. *Formação inventiva de Professores e Políticas de Cognição. Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 164-174, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica>

ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. *O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 92-108. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.) *Pistas e métodos da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto alegre: Sulina, 2009.

KASTRUP, V. *Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do Devir-Mestre*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, set./dez. 2005.

KASTRUP, V.; BARROS, R. B. *Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 76-91. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.) *Pistas e métodos da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto alegre: Sulina, 2009.

LOURAU, R. *Análise Institucional e Práticas de Pesquisa*. Rio de Janeiro, UERJ, 1993.

MACHADO, A. M. Prefácio. In: DIAS, R. O. (org.). *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L.(orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, E.; BARROS, R.B. *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*. Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 17- 31. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.) *Pistas e métodos da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto alegre: Sulina, 2009.

SOUSA, L. P. *Pulsar*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014, p. 82-83. In: DIAS, R. O. (org.). *Entre analisar e intervir na formação de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

VILHENA, V.O. *Experiência e Narrativas nos caminhos da formação inventiva de professores*. São Gonçalo, 2013.